

Personalismo e política

Atualidade de um homem, pertinência de uma ideia

Personnalisme et politique

Actualité d'un homme, pertinence d'une idée

Didier Da Silva¹
didier.dasilva@sciences-po.org

Resumo

O presente artigo discute a perspectiva de “atualidade” no pensamento do filósofo francês Emmanuel Mounier. O que se pretende é saber em que medida as reflexões deste filósofo, morto há mais de 60 anos, podem contribuir para compreendermos e confrontarmos com a crise atual. Como fundador da revista *Esprit* e do movimento personalista iniciado depois da crise de 1929 na Europa, Mounier se engaja na liderança que inspira a formação de um personalismo comunitário de viés fortemente atuante na dimensão política e social. Veremos como a flexibilidade de seu pensamento e a pertinência de suas ideias nos ajudam a refletir sobre o momento atual em que vivemos.

Palavras-chave: personalismo; atualidade; Emmanuel Mounier

Résumé

Cet article traite de la perspective de l'« actualité » dans la pensée du philosophe français Emmanuel Mounier. L'objectif est de savoir en quelle mesure les réflexions d'un philosophe mort il y a plus de 60 ans peut-il aider à comprendre et à affronter la crise actuelle. En tant que fondateur de la revue *Esprit* et du mouvement personnaliste qui a commencé après la crise de 1929 en Europe, Mounier s'engage dans le commandement qui inspire la formation d'un personnalisme communautaire très actif dans la dimension politique et sociale. Nous allons voir comment la flexibilité de sa pensée et la pertinence de ses idées nous aident à réfléchir sur la situation actuelle dans laquelle nous vivons.

Mots-clé: personnalisme; actualité; Emmanuel Mounier

“É preciso ser doce de coração e duro de espírito”

Emmanuel Mounier

Mesmo se o termo “atualidade” não é forçosamente o mais pertinente, ele reúne a questão eminentemente importante da modernidade do pensamento de Emmanuel Mounier e de seu extraordinário vigor. Alguns dirão de sua estranha pertinência, próximo de 80 anos

¹ Professor da *Sciences-Po (Sorbonne)*, membro do corpo editorial do *Cahier de l'Atelier* e autor da obra *La personne à venir : héritage et présences d'Emmanuel Mounier*, ASL, 2002. A tradução para o português do presente artigo é de Henrique Marques Lott.

após a criação da revista *Esprit*, em 1932. O ensaísta e jornalista Jacques Julliard, falando de Charles Péguy, dizia que ele era um “contemporâneo capital”. É bem assim que conviria tratar a questão da atualidade de Mounier: em que um filósofo morto há mais de 60 anos pode continuar a inspirar e a guiar nossa sociedade dita pós-moderna? Como um pensamento elaborado após a grande crise de 1929 pode ainda interpelar, fazer refletir e dar as armas para enfrentar a crise da civilização que, tragicamente, se faz presente?² Contemporâneo capital: Mounier é pelo menos um deles. E o próprio personalismo, em seus delineamentos filosóficos e políticos e, em sua densidade, escapa a toda forma obsoleta: aliás, o filósofo Jean Lacroix, não fala ele a propósito do personalismo, da “presença de uma eternidade no tempo”? (Lacroix, 1949).

O personalismo comunitário elaborado por Emmanuel Mounier e por seu grupo após 1929 (Winock, 1975), se revela ser, com efeito, um esboço ao mesmo tempo flexível e objetivo para nos guiar nos tempos de dúvida e de dissimulação que se manifestam atualmente. Não é finalmente, uma aposta de rever o personalismo em nova visada, de redescobri-lo, de revalorizá-lo, mas ao contrário, em teoria política existe essa permanência de ideias e de conceitos que se constrói no contexto da “desordem estabelecida” dos anos 1930, para retomar uma expressão do próprio Mounier, perdura no tempo, se enraíza na história das ideias e, *mutatis mutandis*, refaz a superfície a favor de uma outra época e de outras finalidades e se revela à altura disso que lhe é solicitado: mostrar as pistas da reflexão e incitar a ação.³

Finalmente, ao contrário do magnífico e premonitório romance *Le Guépard* (Lampedusa, 1959), onde tudo devia mudar para que nada mude, o personalismo, para que alguma coisa mude, tem a possibilidade de se adaptar a uma espécie de paligenesia de ordem filosófica e política. Permanece um arsenal completo de noções e de conceitos flexíveis, maleáveis, frequentemente pertinentes e úteis, perfeitamente solúveis no mundo contemporâneo. Em um primeiro tempo, tratar-se-á então de colocar um ponto sobre a atualidade editorial e intelectual de Emmanuel Mounier, depois, em um segundo tempo, da contemporaneidade do pensamento de Emmanuel Mounier, de sua modernidade, de sua pertinência e talvez mesmo, de sua urgência.

² Sobre este tema cf. Jacques LE GOFF, *Penser la crise avec Emmanuel Mounier*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2011.

³ Aliás, é interessante aproximar o personalismo comunitário de Mounier do socialismo utópico elaborado por Pierre-Simon Ballanche (1776-1847). Esse filósofo partia do princípio que o destino do homem e das sociedades era de morrer e de se regenerar sem cessar através dos ciclos históricos e políticos mais ou menos longos.

Há uma dúzia de anos que a *Association des Amis d'Emmanuel Mounier* trabalha pela reedição das obras fundamentais do filósofo. Com efeito, em meados dos anos 1990, Emmanuel Mounier dormia ainda tranquilamente nas prateleiras das bibliotecas. Suas *Obras completas*, editadas pelas Editions du Seuil em 4 volumes entre 1961 e 1963, não estavam mais disponíveis em livrarias desde longo tempo, mas antes entre os alfarrabistas que os vendiam a preço de ouro. Alguns apaixonados escumavam as livrarias para procurar o pequeno *Que sais-je?* o qual Mounier (1949) havia consagrado ao personalismo a fim de oferecer e difundir a boa palavra. Uma outra associação de inspiração personalista, o *Intuitu personae*, criado por antigos alunos da Sciences-Po, tinha-o como livro de base para divulgar Mounier e abordar seu pensamento. Em breve, era preciso ser bibliófilo ou apaixonado para se interessar pelo personalismo comunitário e por seu fundador.

Desde então, as coisas mudaram enormemente. Primeiramente e antes de qualquer coisa convém prestar homenagem a Guy Coq que, durante 15 anos à frente da *Association des Amis d'Emmanuel Mounier*, teve essa intuição que a redescoberta de sua obra passava obrigatoriamente pela reedição e atualização de seus livros, notadamente difundindo-os largamente no formato de bolso: é assim que o profético *Refaire la Renaissance*, e os *Ecrits sur le personalisme* (Mounier, 2000), reencontraram um público e uma atualidade. Esse fecundo ano 2000, marcado pelo cinquentenário de sua morte, jogou também um papel de primeira importância na redescoberta editorial do filósofo, pois o centenário de seu nascimento tendo sido considerado como Celebração nacional, seu pensamento foi midiaticamente mais exposto.

Hoje, as obras de Mounier são, pois, assaz visíveis, em todo caso para o essencial: o filósofo saiu do purgatório editorial no qual o pensamento materialista e estruturalista havia precipitado. Um grande projeto editorial está, aliás, em processo de finalização: trata-se da edição dos *Carnets* de Emmanuel Mounier, sob a direção do historiador Bernard Comte.⁴ Mas também, no mundo intelectual, as coisas mudavam pouco a pouco.

O interesse suscitado pelo personalismo comunitário saiu igualmente desse torpor no mundo intelectual. Os últimos pensadores que tinham trabalhado realmente sobre o tema fizeram nos anos de 1970, como Jean-Marie Domenach⁵, Régis Boyer⁶ ou Jean Lacroix, encontro na escola dos diretores de *Uriage*. Aliás, muitos livros consagrados a Mounier nessa

⁴ Esta soma que conteria mais de 1200 páginas, colocadas no prelo em 2008, deveria normalmente ser concluída em 2012 ou início de 2013. Cf., em outro lugar: B. COMTE, *Une utopie combattante : l'Ecole des cadres d'Uriage (1940-1942)*. Paris: Editions Fayard, 1991.

⁵ Jean-Marie DOMENACH, *Emmanuel Mounier*, Paris: Editions du Seuil, collection *Ecrivains de fougère*, n. 91, 1972.

⁶ Régis BOYER, *Actualité d'Emmanuel Mounier, la notion de personne*, Paris: Editions du Cerf, 1981.

época eram, sobretudo livros de comemoração, de memória, de lembranças comovidas⁷, que se exaltavam decerto o valor e a pertinência de seus compromissos, mas pareciam colocar principalmente uma cruz definitiva sobre seu retorno como força de proposição viva, ou como alternativa política imaginável. Essa agonia simbólica do personalismo não ia cessar durante as próximas duas décadas.⁸

Em uma obra publicada em 1986⁹, o filósofo Michel Richard pretendia mesmo que o personalismo andasse mal porque já se havia esgotado, através de sua influência sobre os sindicatos cristãos (Confédération Française des Travailleurs Chrétiens, criada em 1919) e os movimentos de ação católica, sobretudo a Jeunesse Ouvrière Chrétienne (JOC), através da experiência dos padres-operários, do Vaticano II e de certas encíclicas como *Mater et Magistra* (sobre a questão social) ou ainda *Pacem in Terris* (sobre o problema dos direitos do Homem e os deveres morais) (Richard, 1986, p. 99). Em resumo, Mounier e seu sistema de compreensão do mundo não tinha mais nada a dizer, fechado em uma época, conserva-se por vezes em uma certa devoção, já que o próprio João Paulo II é considerado, a justo título, como papa personalista (Guellec, 2008).

Contudo, mesmo se Paul Ricoeur golpeia em 1982 com um terrível “o personalismo está morto”, imediatamente e felizmente se segue um encorajador “retorno à pessoa”, a ideia personalista parece, no entanto, ser válida ainda: o retorno do Sujeito, após a queda do comunismo, é então um apelo à redescoberta da Pessoa e do personalismo como maneira de compreender a crise de civilização atual e como um método para ultrapassá-la. Com efeito, muitos veem uma perturbadora repetição da história entre a crise dos anos 1930 e de hoje. A lucidez de Mounier à época nos faz manifestamente refletir. O final dos anos 1990 foi então marcado pela multiplicação de grupos de reflexão reclamando-se ou referindo-se ao personalismo e de publicações reapropriando-se do conceito, trabalhando-o, modernizando-o e adaptando-o ao mundo de hoje: Cristãos por uma nova esquerda, *Intuitu personae*, o Service Pastoral d’Etudes Politiques e a seção de formação dos jovens. “A política, uma boa nova”, animada pelos jesuítas em Baume-les-Ex, foram dessa redescoberta e desse impulso.

⁷ Algumas aliás interessantes: *Refaire la Renaissance : hommage à Emmanuel Mounier*, publicado em 1991 em Châtenay-Malabry, onde residia Mounier, aos “Murs Blancs”.

⁸ À exceção notável de uma obra: Collot-Guyet, M-T, *La cité personnaliste d’Emmanuel Mounier*, Nancy: Presses universitaires de Nancy, 1983.

⁹ M. RICHARD, *La pense contemporaine, les grands courants*, Lyon: Chronique sociale, 1986.

Todavia, a ideia de um eventual “neo-personalismo”¹⁰ obriga com certeza ao dever de memória, mas não a uma forma de resignação e de impotência: para que o personalismo comunitário possa ainda se fazer ouvir e, melhor seduzir no mundo das ideias, frequentemente ilegíveis à força de profusão, ele deve ser reinterpretado, reavaliado, reinventado e orientado através das novas tecnologias de informação e de comunicação, sem medo e sem falso pudor. Reviver Mounier é algo de primeira importância: nós sabemos que o filósofo de Grenoble teve intuições fundamentais no que concerne à evolução do mundo dos anos 1930 aos anos 1950. Por exemplo, ele compreendeu melhor do que outros, a obrigação da descolonização.

Mas certamente, um personalismo para os dias de hoje, não seria capaz de satisfazer-se com orientações de pensamentos, no mínimo anacrônicas com o mundo contemporâneo, ao pior, totalmente obsoletos: como esperar, com efeito, de um pensamento elaborado antes da Guerra Fria, que serve de ponto de referência para as gerações dos que nasceram após o seu fim? O que está em jogo aqui é antes o sentido atual do personalismo, sua modernidade e sua pertinência no mundo contemporâneo. É nisso que o personalismo representa uma perspectiva de pesquisa estimulante: aberto, generoso, móvel, ele se adapta e se regenera sem cessar, arquitetado em torno de ideias — forças simples, sólidas e atemporais: sair de si, acolher o outro, expor-se, assumir-se, dar, ser fiel e digno, perdoar, elevar-se espiritualmente, etc...

Felizmente Emmanuel Mounier deixou de herança um esboço intelectual válido em suas grandes linhas, em seus grandes conceitos e intuições: postulado fundamental da liberdade do homem, condição prévia a toda forma de ação; transcendência e apelo permanente ao espiritual (Grevillot, 1950); pessoa e vínculo comunitário; engajamento, no sentido amplo, generosidade e gratuidade nos afazeres da Cidade; importância dos corpos intermediários. Em consequência e com exceção de sua inscrição imediata na História, isto é, aquela do tempo de Mounier — a crise de 29, o crescimento dos perigos, as Ligas de extrema-direita, o Estado vichysta... —, retomar o personalismo hoje significaria então, a uma só vez, uma fidelidade clara aos princípios fundadores do personalismo comunitário tal como Mounier o considerava, mais igualmente um desinteresse fundado, sereno e confiante com o Mounier ligado a seu tempo. Aliás, no prefácio de seu livro intitulado *Liberté sous condition*, Emmanuel Mounier escrevia “que não se trata de modo algum de salvar valores vulneravelmente abrigados em seu mobiliário de época. Nós os queremos ver caminhar e cantar a plenos pulmões no mundo que se faz.” (Mounier, 1946).

¹⁰ Para retomar a expressão de Vincent Triest, fundador do Centre d’Action pour un Personnalisme Pluraliste (CAPP) na Bélgica e autor da obra *Plus est en l’Homme : le personalisme vécu comme humanisme radical*, Bruxelles: PIE-Piter Lang, 2000.

O personalismo comunitário ajudaria assim, a encarar o futuro de uma maneira simultaneamente otimista e trágica, na esteira do filósofo espanhol Miguel de Unamuno (1913), tanto mais otimista que ele se sabia livre para agir sobre as alavancas da atualidade. Por fim, não foi Mounier que cunhou o termo Personalismo, mas, na França, Charles Renouvier, em 1903.¹¹ O personalismo nos convida então a nos comportarmos como homens livres, para dele nos apropriarmos e a recolhermos inspiração e ação, de sorte que o acontecimento seja ainda e sempre, o mestre interior.

Dois exemplos recentes demonstram como é a maleabilidade do conceito personalista, sua grande faculdade de adaptação aos temas políticos e de cidadania da modernidade: de uma parte, um trabalho universitário ligando desenvolvimento socialmente durável e personalismo, percebido como uma ética (Dubois, 2003), de outra parte, uma formação em ética medicinal fundando-se sobre novas relações entre terapeutas e doenças (Machado, 2007).

Primeiro exemplo: em 2003, dois pesquisadores da *Univiversité de Versailles-Sait-Quentin*, Jea-Luc Dubois e François-Régis Mahieu partiram da noção de pessoa desenvolvida por Emmanuel Mounier e perseguida por Emmanuel Lévinas, para tentar definir as aproximações conceituais com o economista contemporâneo Amartya Sen, no âmbito da definição de um desenvolvimento socialmente durável. Mas não somente os dois universitários veem no personalismo a possibilidade de uma norma deontológica e ética aplicável à escala mais ampla possível, tornando assim uma ética eficaz. Os dois outros autores escrevem especialmente: “desaparecido demasiadamente cedo para conduzir sua reflexão sobre o personalismo a seu termo, Emmanuel Mounier permitiu, no entanto, afirmar o primado da pessoa. O personalismo marcou muitas instituições e personalidades políticas em muitos países. Ele contribuiu para forjar conceitos econômicos como as necessidades essenciais, conceitos políticos, como subsidiariedade, com o objetivo de fazer com que o desenvolvimento tenha, sobre todos os continentes, o desabrochamento da pessoa como finalidade primeira.”

Com efeito, o domínio do humanitário se presta muito bem a esse tipo de experimentação concreta de um personalismo aplicado ao humanitário. Muito frequentemente, ainda que motivadas por louváveis intenções, as organizações humanitárias chegam com soluções prontas, orgulhosas, sem dúvida, de bom direito afim de trazer soluções técnicas e progresso sanitário. A associação Visoma, sediada em Paris e agindo em altas terras de Madagascar, surgiu antes de tudo das necessidades dos habitantes. Essa associação se adaptou

¹¹ Com efeito, encontramos o termo no mundo anglo-saxão desde os anos 1870.

às demandas das populações.¹² Por outro lado, conduzindo jovens adolescentes, a associação teve a inspiração de fazer da transmissão entre as gerações um eixo central de sua ação e de sua morada. Esses jovens puderam assim, se sensibilizar com o personalismo comunitário que fará sem nenhuma dúvida, descendentes entre eles.

Segundo exemplo: em 2007, em Portugal, na Universidade de Minho, a Escola de ciências médico-sociais propõe aos internos e aos médicos titulares, uma “formação personalista”: redefinição do papel do médico, reavaliação da ética hospitalar, comportamentos com os pacientes, essa formação, totalmente inédita e muito completa, perturba as relações habituais entre profissionais de saúde e doentes, relações se resumindo frequentemente a uma aproximação exclusivamente técnica do sofrimento ou da doença, falta de tempo e pessoal, deixando de lado o aspecto mais humano, mais pessoal, mais “personalista”, menos quantificável, mas não menos tangível. Os relatores da comissão organizadora dessa formação concluem assim seu trabalho: “A principal contribuição que uma perspectiva personalista poderia trazer para a formação dos médicos encontra-se na compaixão e na humildade que ela condiciona.” Essa experiência não é ademais a única, pois ela se beneficiou com a ajuda e o apoio de outras universidades, como a de Castela na Espanha ou a de Thomas Jefferson nos Estados Unidos.

Esses dois exemplos não esgotam evidentemente as possibilidades da ação e de reflexão de um personalismo contemporâneo, reenviado, reinventado e reinserido nas problemáticas sociais da atualidade: quem poderia negar ao personalismo a contribuição que ele traria a temas como, por exemplo, o comunitarismo? À convivialidade (Illitch)? À bioética? À democracia participativa e local? À pedagogia? Eis os campos de investigação concreta ancorados no mundo de hoje, que têm necessidade de ser interrogados, oscilados, nutridos sem cessar e que poderiam utilmente emergir nos debates políticos atuais. Alguns, como Jean-Claude Guillebaud, Marcel Gauchet, Patrich Boulte ou Jan-Baptiste de Foucauld¹³, se reaproximam de um personalismo para hoje.

Uma questão permanece: qual é a utilização política para o personalismo hoje? Essa utilização é ao menos possível? Uma vez que, historiadores, filósofos e politólogos se ouviram para validar a iniciativa de Mounier em suas instituições fundamentais e legítimas concernindo à crise econômica de 29 e à crise moral concomitante, é que em sua análise era pertinente. Ora o engajamento personalista é também político (Mounier, 1949, p. 111).

¹² Sobre essas questões, ler os trabalhos do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Remos, que refletiu sobre um possível “personalismo negro”. Sem falar em Frantz Fanon, grande personalista e admirador de Mounier.

¹³ Notadamente em seu trabalho de compilação e de reflexão recentemente conduzido ao *Pacto cívico*.

Portanto, os mecanismos intelectuais que guiaram Mounier em seu tempo talvez ainda sejam pertinentes, à medida da crise econômica e moral de hoje.

Alguns já há algumas décadas, pareceram resolver a questão da orientação política de Mounier: Jean Lacroix, filósofo de grande qualidade, respeitado por sua discrição em seu livro intitulado *Socialisme?*, publicado em fevereiro de 1945, retomava o diretor da *Esprit* dizendo havia um “lugar livre na França para um socialismo novo, pensado à luz de um humanismo total, construído por homens novos” (Lacroix), Mounier concluindo sem desvio: “Esprit tem o sentimento que, situando-se totalmente além do político, ele pode também e deve contribuir para suscitar a atmosfera favorável para a decolagem desse trabalhismo francês” (Lacroix, 1945, p. 7). O que de passagem marca uma proximidade assaz interessante com a *République du Travail* desenvolvida pelo economista François Perroux, concebendo a esquerda moderna como uma espécie de trabalhismo à francesa.¹⁴

Mais radical ainda, é o livro do filósofo Michel Barlow intitulado de *Le socialisme d’Emmanuel Mounier* publicado pelas edições Privat em 1971. Na introdução o autor escreve isto: “Fazendo em 1944 o balanço de sua atividade e levantando um breve histórico da revista *Esprit*, Emmanuel Mounier se interrogava sobre a significação propriamente política de seu pensamento e do movimento que ele animava. Sem ambiguidade ele se afirmava a uma só vez socialista e humanista” (Barlow, 1971, p. 5). Depois ele cita Mounier: “nós descobrimos que o desenvolvimento econômico e social da Europa exigia uma revolução profunda dentro da linha socialista, mas, ao mesmo tempo, nós queremos que o socialismo salve o homem!” (Barlow, 1971, p. 8). Michel Barlow conclui então, citando ainda Emmanuel Mounier: “há enormemente a tomar no marxismo”, que seria “a armadura dos reprovados” (Barlow, 1971, p. 144).

Emmanuel Mounier “homem de esquerda” não é no entanto suficiente (Barlow, 1971, p. 8), pois, nas metamorfoses políticas do conceito de personalista (Da Silva ; Guellec) a balança inclina-se por vezes francamente à direita, pois que certos fascistas portugueses nos anos 30 (Rolao Preto, por exemplo), o ditador sul-vietnamita Ngo Cing Diem e o antigo ministro Charles Millon queixaram-se, em um momento ou outro, do pensamento de Mounier... É então perfeitamente legítimo colocar a questão, que permanece aberta, das praticas políticas atuais do personalismo, de sua colocação em ação concreta em diferentes setores da sociedade, como a economia social, a educação e a pedagogia (Mounier, 1949, p.

¹⁴ Parcialmente retomada pela Segunda esquerda de Michel Rocard e o Partido Socialista Unificado (PSU) onde se engajaram numerosos cristãos de esquerda, atraídos pela autogestão.

129)¹⁵, ou ainda a saúde. O personalismo comunitário pode então ser considerado como uma ideia sem cultura, potencialmente fecunda pois, sob a condição de ser re-apropriada e reinventada. Já que ela não é nem uma ideologia, para retomar Jean Lacroix, nem uma filosofia, como a entende Michel Richard (1986, p. 108), ela é inacabada e por essência, *work in progress*, livre de direito e re-avaliável à vontade. Como escrevia Jean-Marie Domenach, o pensamento de Mounier “permanece flexível, nuançado, ele recusa a doutrina e a doutrinação” (1968, p. 218).

É a dificuldade, mas também a chance da herança personalista deixar a possibilidade às gerações futuras de encarar seu sistema como uma verdadeira antropologia política, em seus vínculos entre poder e sociedade, ou como forma de resistência à ideologia dominante e a dar algumas chaves, mesmo que sumárias, para a atualidade. Apareceria, então, um Mounier profeta, acreditando no messianismo político (Galbrette, 1957, p. 101), mas sempre não conformista, para retomar a expressão de Jean-Louis Loubet Del Bayle (1960), mas aí reside sua força: ao final das conclusões do livro de Cioran, *Histoire et utopie*, o personalismo não é um utopismo irresponsável, decepcionante e totalitário para aqueles que nele se perdesse, uma ideologia sem dia seguinte, desancada pela potência da História. Aliás, Mounier é claro sobre esse tema: “nós não nos engajamos jamais senão sobre os combates discutíveis sobre as causas imperfeitas” (Mounier, 1949, p. 111). O personalismo é, verdadeiramente, uma utopia estruturante, que engrandeceria a política, a cidadania e aqueles que acreditam nele. Ao pessimismo de Cioran, convencido da impossibilidade de o homem viver em sociedade, Mounier opõe uma visão responsável e justa da “convivência” e repensa assim o Bem comum, visando a construção, paciente, frágil e eternamente em elaboração de uma Cidade personalista e comunitária (Collot-Guyer, 1983, p. 349).

Hoje, o debate sustentado sobre a natureza ideológica do conceito personalista parece menos pertinente, menos essencial do que possa ser: nem a extrema-esquerda, nem a extrema-direita, estão evidentemente na ótica de se interessar e ainda menos de se apropriar do personalismo. A estrada será longa, não há como duvidar: durante a Universidade de Verão da UMP, em setembro de 2011, o antigo ministro centrista Pierre Méhaignerie perguntava aos jovens militantes que entre eles conheciam Emmanuel Mounier. O *Canard Enchaîné*, relatando a anedota revela que dos 800 presentes, 4 levantam a mão... Então? Então um personalismo para hoje se endereça antes de tudo aos cidadãos de boa vontade, ainda não abatidos pelas crises da democracia (Vasseur, 2010), desejosos de responder melhor às

¹⁵ Ver também sobre os vínculos possíveis entre as “pedagogias ativas” que autorizam e responsabilizam o aluno, como aquela desenvolvida por Maria Montessori e o personalismo.

agonias sócio-econômicas, políticas e culturais do mundo contemporâneo. Cuidadosos, sobretudo em voltar a cabeça em direção ao espiritual e ao infinito de um mundo a reinventar, a fim, finalmente, de o “re-encantar” (Gauchet, 1985).

Referências bibliográficas

BARLOW, M. *Le socialisme d'Emmanuel Mounier*, Editions Privat: Toulouse, 1971.

BOULTE, P. *Individus en friche*. Editions Desclée de Brouwer: Paris, 1995.

BOYER, R. *Actualité d'Emmanuel Mounier, la notion de personne*. Editions du Cerf: Paris, 1981.

CALBRETTE, J. *Mounier le mauvais esprit*, Nouvelles Editions Latines: Paris, 1957.

CIORAN, E. M. *Histoire et Utopie*, Editions Gallimard: Paris, 1960.

COLLOT-GUYER, M-T. *La cité personaliste d'Emmanuel Mounier*. Presses universitaires de Nancy: Nancy, 1983.

COMTE, B. *Une utopie combattante : l'Ecole des cadres d'Uriage (1940-1942)*. Editions Fayard: Paris, 1991.

DA SILVA, D. ; GUELLEC, R. (dir.), *La personne à venir. Héritage et présence d'Emmanuel Mounier*, Editions Au sugne de la Licorne: Clermont-Ferrand, 2002.

DOMENACH, Jean-Marie. *Emmanuel Mounier*. Editions du Seuil, collection Ecrivains de toujours, n° 91: Paris, 1972.

_____. *Emmanuel Mounier ou le combat du juste*. Ducros éditeur, 1968.

DUBOIS, Jean-Luc ; MAHIEU, François-Régis. « *Personalisme, capacités et durabilité, fondements éthiques pour un développement socialement durable, d'Emmanuel Mounier à Emmanuel Lévinas* », communication faite à l'Université de Pavie, 7-9 septembre 2003.

GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion*, Editions Gallimard, Paris, 1985.

GREVILLOT, J-M. *Les grands courants de la pensée contemporaine : existentialisme, marxisme, personalisme chrétien*. Les éditions du Vitrail: Paris, 1950.

GUELLEC, R. (org.). *Jean-Paul II, pape personaliste. La personne, don et mystère*, Editions du Carmel: Toulouse, 2008.

LACROIX, J. *Le personalisme comme anti-idéologie*, Presses universitaires de France, collection Le philosophe: Paris, 1972.

_____. *Marxisme, existentialisme, personnalisme. Présence de l'éternité dans le temps.* Presses universitaires de France: Paris, 1949.

_____. *Socialisme ?* Editions du livre français: Paris, 1945.

LAMPEDUSA, G.T. *Le Guépard.* Editions du Seuil: Paris, 1959.

LE GOFF, J. (org.). *Penser la crise avec Emmanuel Mounier.* Presses universitaires de Rennes: Rennes, 2011

LOUBET DEL BAYLE, J-L. *Les non-conformistes des années 30,* Editions du Seuil: Paris, 1969.

MACHADO, Joaquim Pinto ; OLIVEIRA, Clara Costa. « *Formação personalista de médicos na universidade do Minho* », Escola de Ciências da Saúde: Braga, 2007. MOUNIER, E. *Le personnalisme,* Presses universitaires de France, collection *Que Sais-je ?* N°395: Paris, 1949.

MOUNIER, E. *Ecrits sur le personnalisme.* Editions du Seuil, collection « Points Essais »: Paris, 2000.

_____. *Le personnalisme.* Presses universitaires de France, collection *Que Sais-je ?* N. 395: Paris, 1949.

_____. *Liberté sous condtion.* Editions du Seuil: Paris, 1946.

_____. *Refaire la Renaissance.* Editions du Seuil, collection « Point-Essais »: Paris, 2000.

RICHARD, M. *La pensée contemporaine, les grands courants.* Chronique sociale: Lyon, 1986.

TRIEST, Vincent. *Plus est en l'Homme : le personnalisme vécu comme humanisme radical,* PIE-Peter Lang: Bruxelles, 2000.

UNAMUNO, M. *Le sentiment tragique de la vie chez les hommes et chez les peuples.* Folio-Essais: Paris, 1913.

VASSEUR, B. *La démocratie anesthésiée,* Editions de l'Atelier: Ivry-sur-Seine, 2010.

VENTO, Salvatore (dir.). *Emmanuel Mounier, attualità del personalismo comunitario,* Edizioni Diabasis: Regio Emilia, (s.d.).

WINOCK, M. « *Esprit* ». *Des intellectuels dans la cité, 1930 – 1950.* Editions du Seuil, Paris, 1975.